

prendimento e sacrificio, cousas tão raras hoje e de que tão bellos exemplos se encontram na Inconfidência.

Antes de deixar a tribuna, quero prestar uma homenagem ao digno presidente do Estado, dr. Antonio Carlos. Divergindo de s. exc. em ponto importante do seu programma de governo, sinto-me á vontade para realçar-lhe o merecimento, quando se me offerece o ensejo. Acredito que esse é o traço característico do verdadeiro amigo.

A s. exc. devemos a revivescencia dos estudos historicos entre nós, circumstancia essa que considero do mais alto valor. Procurei corresponder aos seus nobres intuitos, intuitos para cuja realização, devo dizer ainda, encontrou elle a collaboração intelligente e dedicada do nosso presidente, o sr. dr. Aurelio Pires.»

Foram intensos e vibrantes os applausos com que a selecta assistência acolheu as ultimas palavras do illustre conferencista.

Ao encerrar a sessão, o sr. dr. Aurelio Pires, presidente do Instituto, agradeceu ao sr. dr. Lucio dos Santos o inestimavel concurso que havia trazido áquella corporação com a sua esplendida conferencia, e o comparecimento do representante do sr. Presidente do Estado, dos socios e do selecto auditorio.

Foi, como se vê, uma festa de grande brilho a solemnidade com que o Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes commemorou a grande data de hontem.

(Do *Minas Geraes* de 22 de abril de 1928).

MESTRES DE OUTR'ORA

Aurelio Pires

«Fixar, por um instante que seja, nas paginas de um livro, ephemero como este, as feições dos rostos que sorriram, ou das almas que palpitarão, e que a acção dos annos vae corroendo, tem para mim uma especie de voluptuosidade, como a que acaricia o animo das crianças quando modelam estatuas feitas de neve que se derrete, ou edificam castellos construidos com areias que o vento espalha !

*Conde de Sabugosa
NEVES DE ANTANHO*

Mestres de outr'ora

I

Innocencio Augusto de Campos

In illo tempore, — como se diz em estylo biblico, — o governo imperial mantinha, nas principaes cidades do Brasil, aulas avulsas de latim e francez, para o aperfeiçoamento da cultura nacional. Taes aulas erão regidas por professores subsidiados pelos cofres publicos, com a quantia, hoje irrisoria, de cem mil réis (100\$000) mensaes.

Na aprazivel cidade de Diamantina, — «Athenas risonha da verde e saudosa Minas, rainha dessas collinas que banha o Jequitinhonha», — distribuia o ensino daquellas duas linguas o professor Innocencio Augusto de Campos.

Foi isso ha quasi meio seculo, e eu, nessa época, mal entrava na encantada e melindrosa quadra da puberdade.

Ah! quanta razão teve aquelle poeta que disse serem todas as puberdades tristes!... Dir-se-ia, — accrescenta elle, — que, ao chegar a essa idade perigosa, a criança tem uma antevisão e uma presensação do que vae soffrer na vida: como que a sua alma se recolhe, hesitante, numa angustia vaga, numa timidez doentia, procurando alguma cousa que a proteja e console. Nessa crise do corpo e da alma, é preciso que o cerebro receba uma excitação saudavel, que lhe active a germinação da força creadora. A razão virá depois: nessa idade, o que precisa de desenvolvimento é a imaginação.

Ora, o que mais desenvolveu a minha imaginação, e o que consolou as vagas e indefiniveis tristezas de minha adolescencia, foi a aula do mestre Innocencio Campos, que frequentei no anno remoto de 1875.

Trazendo de alhures umas vagas noções de latim, e já tendo traduzido o «*Epitome historiae sacrae*» e as «*Fabulas*» de Phedro, entendeu esse paciente professor que eu poderia acompanhar a classe que estava estudando as *Bucolicas* de Virgilio.

Oh! Essas *Pastoraes*, alumiadas pelos relampagos do genio, banhadas de tão risonho optimismo, repassadas de tanta ternura, harmonia e doçura idyllica; resoando com zumbidos de abelhas e gritos de cigarras e astamente coloridas pelos tons magoados do crepusculo e da placida

estrella da tarde; rescendendo a lírios, a pallidas violetas, a olente funcho e a rosmaninho suave; estrugindo com os soluços despedaçadores da mãe de Daphnis que, abraçando o cadaver do filho, accusa a crueldade dos astros e dos deuses; oh! tudo isso exerceu em minha alma de adolescente influencia decisiva e inextinguível...

Ninguém, que a tenha saboreado, jámais se esquecerá da frescura das seguintes palavras do amante da perfida Nisa, recordando sua infancia venturosa:

*Saeplius in nostris parvam te rosçida mala
(Dux ego vester eram) vidi cum matre legentem;
Atter ab undecimo tum me jam ceperat annus;
Jam fragiles poteram a terra contingere ramos.
Ut vidi, ut perill...*
(*Bucolicas*, VIII, 38-42).

(Vi-te, tão pequenina ainda, com tua mãe, guiada por mim, colhendo, em nossos pomares, as maçãs orvalhadas pela aurora; tinha eu, então, doze annos, e já alcançava, com um pulo, os frageis ramos. Ai! Quando te vi, morri amores!...)

Da mesma forma, gravou-se-me indelevelmente, na memoria, aquella passagem em que o poeta recommenda ás crianças o culto do amor ás mães:

*Incipe, parve puer, risu cognoscere matrem;
Matri longa decem tulerunt fastidia menses.
Incipe, parve puer, qui non risere parentes,
Nec deus hanc mensa, dea nec dignata cubili est.*
Bucolicas, IV

(Começa, ó pequenino, a manifestar, por meio do riso, o reconhecimento a tua mãe, que, por espaço de dez mezes, cortiu, por tua causa, longos padecimentos: começa-o; os filhos que não sorriem ás mães, são indignos de partilhar o convívio dos deuses.)

Com que enthusiasmo sagrado, com que intimativa proselytista, com que vivo interesse, se esforçava Innocencio Campos por introduzir e fixar todas essas bellezas na memoria desattenta e escorregadia da maioria de seus alumnos!

Hoje, á hora melancolica dos cabellos brancos, com a neve pela serra, é com recordação commovida que revejo, ampliada pela saudade e illuminada pela gratidão, a figura bondosa do professor amigo, alta, corpulenta, de larga fronte espaçosa e calva, onde sorriam, do emmanchado da longa barba de escandinavo, dous olhos azues, cheios de mansidão e de bonança.

Abenço sua memoria, com carinho tanto mais enternecido, quanto, durante o breve tempo em que frequentei suas aulas, nunca a ignobil catadura da palmatoria sinistra produziu o arrabiado terror e o medo encolhido nas almas em flor dos meninos do meu tempo.

Rara avis in terris...
Julho — 1923.

II

Padre Manoel d'Assumpção Ribeiro

Esse que, a seis do corrente e aos setenta e nove annos de idade, adormeceu para sempre, na remota cidade de Paracatú, era o penultimo supérstite dos professores que tive no Seminario de Diamantina.

Fui conhecê-lo em outubro de 1876, tendo elle trinta e dous annos, e eu quatorze, quando desceram de seus labios, ao meu cerebro em formação, as minhas primeiras noções de mathematica.

Alto, esgrouviado, de côr negra, tendo no olhar, de vivacidade extranha, uma mobilidade irrequieta, e nas mãos, sempre buliçosas, movimentos incoordenados, pródromo, talvez, da molestia medullar, que, por tantos annos, lhe tolhêra a locomoção,—o padre Manoelzinho, como, então, lhe chamavamos, era desses mestres cuja figura se grava, pela vida inteira, na alma e no coração de seus alumnos.

Intelligentissimo, de uma grande cultura, orador eloquente, excelente musico, optimo cantor, a todos, dentro e fóra do Seminario, captivava por sua bondade, por sua paciencia, por sua simplicidade e, acima de tudo, por sua alegria communicativa e sã.

De origem humillima, as suas virtudes o elevaram ao fastigio da estima publica, sendo-lhe confiada, naquella cidade, a educação artistica e litteraria de muitas jovens das principaes familias alli residentes.

Vendo-o tão querido, tão acatado, tão disputado, lembrava-me sempre o que lêra em um historiador portuguez a respeito do modo pelo qual o catholicismo soube inaugurar a sociedade mais popular, mais accessivel, mais equalitaria. No meio da barreira levantada diante da plebe pelos privilegios do sangue,—conta-nos aquelle escriptor,—a Igreja foi sempre o pórtico de todos os grandes talentos e de todas as elevadas ambições: o papa Urbano VI, filho de um sapateiro, edificava a igreja de Santo Urbano e expunha nella, bordado em rica tapeçaria, o retrato de seu pae fazendo sapatos.

Accommettido de molestia reputada incuravel, uma myelite ascendente, foi esse saudoso professor obrigado a deixar o Seminario, onde leccionava, e a cidade, que tanto o prezava, para ir ao Rio de Janeiro, á busca de tratamento que attenuasse os effeitos do mal cruel que o affligia.

Nessa epoca (1883), estando eu, tambem, naquella metropole, tive ensejo de acompanhá-lo aos banhos de mar que lhe foram prescriptos, durante os quaes estabeleceu-se entre o mesmo e o auctor de *Innocencia* e da *Retirada da Laguna*, o fallecido visconde de Escagnolle Taunay, amistosa e cordial camaradagem, para estreitar a qual muito contribuiu, além do infortunio das respectivas molestias (o visconde era diabetico), a musica, de que ambos eram apaixonados cultores.

Depois disto, a vida nos separou de todo, recolhendo-se o Padre Manoel a sua cidade natal, Paracatú, onde, mesmo enfermo, continuou a espalhar os benefícios de seu proveitoso ensino, na Escola Normal local.

Essa separação, tão prolongada e duradoura, era, entretanto, atenuada, de longe em longe, por alguma carta amiga, com que o amado mestre costumava honrar o discípulo reverente. Na ultima dessas missivas, ainda deste anno, em vespas do renhido pleito da ultima eleição presidencial, que tanto apaixonou o espirito publico, dizia-me elle que, embora a dous passos do tumulo, e privado de andar, iria, conduzido por braços amigos, ás urnas de 1.º de março, cumprir o dever civico de votar no candidato mineiro, tão injusta e impatrioticamente hostilizado.

Tão repassada de resignação evangelica e tão abundante de conceitos elevados era essa carta, que fiz transcrever, da mesma, diversos trechos, no *Estado de Minas*, de Bello Horizonte.

Abrindo hoje, pela manhã, o jornal *Minas Geraes*, deparou-se-me a noticia do fallecimento de mais esse dos guias do meu espirito, no primeiro florir de minha adolescencia.

Tendo soffrido muito, porque muito vivêra, desceu ao tumulo, segundo li, cercado de benções e orvalhado pe'as lagrimas de uma população inteira, porque, como a sarça de Moysés, ardêra muito sem se gastar, e porque tinha no coração, na phrase formosa da doce *Musa de Pinteus*, «essa poderosa alavanca que ergue o peso das montanhas e que se chama um grande amor».

Como o jornaleiro que bem acabou a tarefa de seu dia afadigado, descança agora, na paz imperturbavel dos sete palmos de terra.

Deixae-o dormir tranquillo... E' suave o somno a quem trabalhou: *Dulcis est somnus operanti.*

Agosto — 15 — 1922.

III

Padre Antonio Perrin

«Levantar entre os dedos, no altar da misericórdia e do perdão, a hostia consagrada, parece ser a missão e o officio mais leve, não é verdade? Pois bem; não ha nada que torne a mão mais pesada».

Isto dizia Ramalho Ortigão, no Tomo VIII d'*As Farpas*, ao noticiar que um padre, director de um collegio, no Porto, fôra ali querelado por haver corrigido um alumno de quatorze annos de idade, applicando-lhe algumas bofetadas e trinta e seis palmatoadas.

Continuando a commentar essa selvageria hedionda, acrescenta o vigoroso estylista que um rachador, passando a sua vida a cortar, a ma-

chado, a espessa e dura fibra dos carvalhos seculares, daria no seu pequeno aprendiz uma pancada brutal, mas não repetiria esse golpe trinta e seis vezes, tranquillamente, pacientemente, piedosamente, como quem desfia num rosario as Ave-Marias da corôa á Virgem Purissima.

Só um verdadeiro rancor de clérigo, *odium theologicum*, pôde levar um homem a espancar por tal modo uma criança, friamente, systematicamente, por espaço de dez ou quinze minutos, como si se tratasse de cumprir o dever da tortura no tribunal do Santo Officio.

Relendo, agora, essa velha pagina do velho Ramalho,—meu espirito, voando de reminiscencia em reminiscencia, pousou num casarão que erguia sua solidez macissa em uma vasta Praça, tristonha e nua, de uma cidade do interior de Minas, dentro de cujas frias paredes minha pobre infancia longinqua definhou por espaço de tres longos annos.

Foi ahí, nessa casa santa, onde a vida transcorria entre o monotonico sussurro das rezas, o agudo tilintar das campainhas e o enervante cheiro de incenso,—foi ahí que, ainda menino, poucos dias depois de internado, presenciei, horrorizado e attonito, uma scena quasi analoga á de que foi protagonista esse asqueroso padre portuense.

Vi um pulso ecclesiastico erguer ao ar, não propriamente trinta e seis vezes, mas vinte e quatro vezes consecutivas, uma formidavel palmatoria, que, vinte e quatro vezes estalou nas mãos de um meu collega, criança como eu. Dias depois, por occasião do primeiro banho a que assisti e em que tomei parte, em um poço profundo, longe do Seminario (pois, nessa casa de educação não havia banheiras), vi, com olhos crescidos de pasmo e de medo, largas ecchymoses espalhadas pelos bracinhos e pelos troncos dos franzinos corpos de muitos de meus collegas, as quaes eram produzidas pelos brutaes beliscões applicados piedosamente aos mesmos pelos dedos brutaes de um padre, que, por signal, tinha o nome ironico de Benedicto.

Ah! — (bem o senti!), foi nesses dois dias que se abriu a primeira fenda na capellinha branca que minha mãe, com tanto amor, tanta ternura e tanto desvelo, levantára, dia a dia, para nella abrigar a minha fé e as minhas crenças de adolescente!...

Mas, — perguntar-me-ão, — eram todos assim, grosseiros e perversos, os professores desse collegio, onde tanto se resava, e que fôra fundado sob os auspicios da religião do amor e do perdão?

Não, — apresso-me em confessal-o, sem, todavia, exculpar a directoria do mesmo, em cujo nome e com cujo consentimento, si não cumplicidade, se commettiam essas atrocidades, que ainda hoje me revoltam. Havia excepções, a mais brilhante das quaes era o padre Antonio Perrin, esse doce e meigo velhinho, cuja physionomia risonha e mansa se gravou nas profundidades de minha alma, com tão forte relevo, que, ainda agora, quarenta annos depois, a evocação da mesma me banha o coração de enternecida saudade.

Natural da Alsacia, ainda lhe sangrava, viva, quando entrei para o Seminario, a ferida que o desmembramento da patria lhe produzira no

coração patriota. Todavia, sabia recalcar, no mais recondito da alma, a dôr, que lhe ficára, do ultraje feito a sua amada França pelo estrangeiro invasor.

Um sereno sorriso optimista brincava, perenne, naquelles labios sinceros, que só se descerravam para dar passagem a verdade, irmã gêmea da límpida bondade, a qual, no conceito de um philosopho, para honra de nossa espécie, illumina tudo quanto é verdadeiro, assim como a sombria tristeza entenebrece, lugubre excepção á risonha natureza, tudo quanto é, no mundo, fundamentalmente erroneo e falso.

Alvas farripas circumdavam-lhe a parte posterior do craneo, de uma corôa nevada, a qual attestava gloriosamente que os gelos de setenta invernos se haviam accumulado sobre aquella cabeça veneranda, sem, entretanto, vergal-a, — tal era o calor do sol interior que illumina e que aquecia aquella formosa alma de apostolo. De estatura mediana, lento de formas, de larga fronte aberta, onde alvejava ampla calva veneravel, tendo nos olhos castanhos uma doçura infinita, na bocca um riso acolhedor e bom, com os braços sempre abertos em attitude de amplexo, o padre Antonio era o idolo da criança que, durante os recreios o cercava, o envolvia irreverentemente, numa ronda alacre e gritadora, a disputar as fructas e guloseimas, que elle distribuía, enternecido, como um velho avô dadivoso e paciente.

Era nosso professor de Franc:z e de Historia, e seu ensino era proveitoso e bem acceito, porque dos seus labios nunca desceu sobre nossas almas timoratas uma palavra aspera; nunca, em suas aulas, um grito de colera fez pulsar mais depressa nossos corações assustadiços. Elle realizava integralmente o preceito que, annos depois, Anatole France fixou em seu admiravel livro — *Le crime de Sylvestre Bonnard*: — «*On n'apprend qu'en s'amusant. L'art d'enseigner n'est que l'art d'éveiller la curiosité des jeunes âmes pour la satisfaire ensuite, et la curiosité n'est vive et saine que dans les esprits heureux.*»

As materias que preleccionava eram estudadas com prazer e aprendidas sem constrangimento, o que demonstra, mais uma vez, que a fé-rula nunca esclareceu a menor questão de grammatica ou de qualquer cousa, e que os bolos, as taponas, os ponta-pés nunca ensinaram a collocar uma virgula no seu logar, nem a distinguir um adjectivo verbal de um participio presente.

O padre Antonio Perrin a todos nós conquistava e de todos nós se fazia amado, porque era manso de coração, de accordo com a maxima biblica: «*Beati milites, quoniam ipsi possidebunt terram.*»

Ainda agora, evocando sua figura apostolar e meiga, sinto attenuada a impressão de horror que o primeiro contacto de minha infancia com a batina me deixou na alma, com um vinco indelevel, e, assim como Anchieta reconciliou Euclides da Cunha com a Companhia de Jesus, a memoria abençoada desse bondoso e querido mestre me reconciliou com o clero....

Maio—1916.

IV

Affonso de Britto

Vi-o, pela primeira vez, em Ouro Preto, no *Lyceu Mineiro*, numa fria manhã de 2 de julho de 1881.

Nesse dia, fiz eu o meu primeiro exame de preparatorios, o de latim, tendo como examinador esse feroz latinista, reputado, então, um segundo Attila, açoute de Deus.

Eramos seis os examinandos do referido dia, e fomos approvados, simplesmente, dous: eu e Lafayette Barbosa Rodrigues Pereira. Os demais cahiram victimas da rasoira implacavel.

Era isto naquelles remotos tempos passados, em que a lingua, na qual cantou o *Cysne de Mantua* e na qual gemeu o exilado do *Ponto*, se estudava em tres annos, no minimo, e em que, nos collegios, mórmente nos de padres, andava em pleno vigor a maxima dolorosa «*Litterae non intrant sine sanguine.*»

Alto, magro, mettido em comprida sobrecasaca preta; de rosto alongado, tornado ainda mais fino pelo respeitavel *cavaignac* que o arrematava; de têz bronzada, olhar energico e severo,—havia no todo de Affonso de Britto um quer que fôsse que impunha respeito e quasi mettia medo.

Inteiramente inacessivel a empenhos; de uma impassibilidade olympica perante o pallido terror dos estreiantes,—era notoria a sua inflexivel justiça. Dir-se-ia que adoptára, na vida, como divisa, o lemma: «*Fiat justitia, ruat coelum.*»

Conta-se delle que, uma vez, um estudante esperto, sabendo do profundo amor que o mestre dedicava a sua veneranda mãe, dirigiu-se a esta, pedindo-lhe uma carta de empenho para o filho. Bondosa e acolhedora, a respeitavel matrona lh'a deu.

Confiado em tão valiosa protecção, o examinando astuto alinhavou, mal, mal, a prova escripta, e lá se foi para o vestibulo do *Lyceu*, á espera da prova oral. Decorrida meia hora, abriu-se a porta que dava para a sala de exames e assomou á mesma o vulto esguio e severo de Affonso de Britto. «Qual dos senhores ahí se chama F.?»—perguntou, friamente, o mestre. «Sou eu»—respondeu, lampeiro e ancho, o interessado. «Pois bem; venho communicar-lhe que, em attenção á carta que me trouxe, sua prova escripta está sómente pessima, e que é escusado entrar na prova oral.»

Nada o demovia dessa norma de procedimento. Abroquelado com sua coherencia,—couraça de triplice bronze (*aes triplex*)—arrostava elle lisonjas, blandicias, doêstos, ameaças, cartas anonymas e até aggressões physicas.

Além de seus predilectos classicos latinos, teve uma outra grande paixão na vida: a extincção do captiveiro.

Foi um estreuo propagandista da abolição. Fundou, com o malogrado professor Samuel Brandão, um jornal abolicionista—*A Vela do Jangadeiro*,—cujo primeiro numero appareceu a 6 de abril de 1884, e foi uma catapulta tremenda contra a maldita instituição negreira.

Nessa época, era intensíssima, em Ouro Preto, a lucta a favor da libertação dos captivos. Em tôrao de Archias Medrado, que empunhava a lâbaro da nova crença, grupavam-se legionarios da cruzada bemdieta, taes como Leonidas Damasio, Manoel Joaquim de Lemos, Antonio Olyntho, Eduardo Machado de Castro, Affonso de Britto, Samuel Brandão, Joaquim Francisco de Paula, Josephino Pires, Tiberio Mineiro e tantos outros que constituliam a guarda avançada desse luzido exercito que se batia denodadamente pela causa nobilissima da abolição.

Sem ser orador imaginoso e facundo, teve Affonso de Britto, mais de uma vez, de utilizar-se da palavra fallada, na defesa de suas crenças, a cujo serviço empregou, com exito, o ardor de suas convicções e as energias de sua alma de luctador.

Feita a libertação, passou o mestre a collaborar em jornaes fillados ao partido liberal, que se publicavam na velha Capital, como o *Liberato* e, mais tarde, o *Jornal de Minas*, tendo adoptado como nórma, conforme, uma vez, me declarou, a maxima de Cicero: «*Nulla dies sine linea*».

Proclamada a Republica, e reformada a instrucção do Estado, por decreto de 1.º de dezembro de 1890, do presidente Bias Fortes, desapareceu o *Lyceu Mineiro*, onde se haviam emplumado tantas aguias, para possantes remigios, sendo o mesmo convertido em *Gymnasio*, desdobrado em *Internato*, com sêde em Barbacena, e *Externato*, funcionando em Ouro Preto.

Por essa época, isto é, em janeiro de 1891, tive a honra de ser nomeado professor de Portuguez e de Literatura nacional desse ultimo instituto de ensino, de modo que vim a ser collega de magisterio daquelle que, dez annos antes, fôra meu examinador.

Data desse periodo o estreitamento de nossas relações e o meu conhecimento completo da inteireza do seu character inamolgavel e rigido.

Como Reitor do Externato do Gymnasio Mineiro, a elle se deve a primeira organização dessa casa de ensino, de que tanto se orgulha o Estado de Minas, e onde se têm aparelhado tantas gerações de moços para as porfias do talento.

Quer como administrador, quer como professor, quer como secretario da instrucção publica, nunca se desviou um só ápice do aprumo em que mantinha sua estatura moral. Não cedia um só passo, uma só linha, daquillo que reputava ser o seu dever, e, dentro da couraça dessa coherencia comigo mesmo, atravessou a vida. Soffreu muito, é certo, por não saber ser accommodaticio, nem condescendente. De encontro ao aço da intransigencia de sua alma de espartano, muitos interesses, muitas

pretensões se chocaram, por vezes, ferindo-o, contundindo-o, mas sem abalal-o.

Como Juvenal o disse naquelles versos «de sonoridade e brilho metallicos»,—o saudoso latinista considerava que o maior crime é preferir a vida á honra, e, por causa da vida, perder os motivos de viver.

*Summum crede nefas animam praeferre pudori,
Et, propter vitam, vivendi perdere causas.»*

Em outubro de 1897, mudei-me de Ouro Preto para Bello Horizonte. Fui despedir-me de Affonso de Britto, que eu sabia estar de cama, com uma pneumonia, havia dous dias. Encontrei-o febril e abatidissimo: a mão escaldava-lhe, e a respiração era offegante. Entretanto, reconheceu-me, para recahir logo no subdelirio em que se debatia. Proferiu algumas palavras, em voz mal audível, das quaes percebi que elle se referia ao Gymnasio, que era sua preocupação dominante; depois, pronunciou ainda algumas phrases latinas, desconexas, e mergulhou-se novamente no terrivel sopôr das molestias graves.

Afastei-me de seu aposento nos bicos dos pés, como quem sae do quarto de um moribundo, e com a alma enluctada pela certeza de que o não veria mais.

De facto, no dia seguinte ao de minha chegada a Bello Horizonte, recebi uma carta de meu pae, annunciando-me o fallecimento do meu primeiro examinador de preparatorios e, posteriormente, collega de magisterio.

E, assim, foi elle colhido pela morte, como aquelle personagem do Eça, sob aquella fórma que Cesar sempre appetecêra, — *inopinatam atque repentinam*. Morreu sem haver tido tempo de ter medo da morte, conforme o preceito de Seneca, no *Tratado — De brevitae vitae*: «*Optanda mors sine metu mortis mori.*»

Abril — 1916.

V

Henrique Gorceix

Acaba de fechar os olhos para sempre, na terra amada de França, o venerando sabio Henrique Gorceix, uma das figuras culminantes do magisterio superior do nosso paiz.

Com seu desaparecimento, pois, apaga-se uma das mais bellas tradições de nosso ensino.

Tendo vindo para o Brasil em 1874, aqui permaneceu até 1902, ou seja por espaço de vinte e oito annos, os melhores, os mais cheios, os mais productivos da sua vida.

Foi, principalmente, em nosso Estado que se desdobrou a sua enérgica acção fecunda.

Fundador, primeiro director e professor da afamada Escola de Minas, foi elle, durante um quarto de seculo, a alma, o espirito, o coração desse instituto, — alfôbre de sabios, revelador de talentos fulgurantes, fornecedor de profissionaes cuja altissima competencia já passou em julgado.

Conheci-o em 1881, quando elle se achava no fastigio da virilidade, na plenitude da força, da intelligencia e da acção.

Vi-o, pela primeira vez, realizando uma notavel conferencia, no salão da antiga *Assembléa Provincial* de Ouro Preto, em presença do magnanimo imperador D. Pedro II, quando este fez sua primeira visita á velha capital mineira.

Era o dr. Gorceix de estatura elevada; tinha a fronte aberta, onde já se esboçava uma calva incipiente; a voz era cheia, de timbre forte e dominador, a gesticulação rasgada e larga.

De alma recta, de espirito integral e de coração brando, havia, entretanto, em suas palavras, um quer que fosse de duro, e, em seus actos, uma tal ou qual rudeza, que melindrava, por vezes, a quem não estivesse habituado ao feitio de seu character austero e inquebrantavel.

Certa vez (contou-me um de seus ex-discipulos, que foi, depois, um de seus mais fervorosos admiradores), certa vez, em um dos primeiros annos de funcionamento da Escola de Minas, uma turma de alumnos, inhabituada ao rigorismo disciplinar do mestre, e mal inspirada por esse espirito de rebeldia innato ao brasileiro, sentiu-se maguada, com umas tantas exigencias impostas pela regularidade do ensino e ordenadas em tom que se lhes afigurou demasiado auctoritario.

Taes alumnos enviaram ao director da Escola uma commissão que lhe expuzesse suas queixas infundadas.

«Meus amigos (era assim que elle tratava os discipulos), meus amigos — respondeu-lhes com desusada brandura paternal, — peço-lhes que, em nossas relações, attendam sómente ás minhas intenções, e não aos meus actos».

A commissão retirou-se rendida, algum tanto envergonhada, e proclamando abertamente a bondade do mestre.

E foi assim que elle atravessou esse quarto de seculo de permanencia entre nós, em meio de seus queridos alumnos, cercado sempre do respeito, do amor, do reconhecimento daquelles cuja intelligencia elle enriquecia com os primores de sua sciencia, cujo character robustecia com seu exemplo de rigidez espartana, e cujo coração formava com os quilates de sua bondade extreme.

Chega-nos agora, dessa França tão cruelmente torturada e tão pinaculamente engrandecida, a noticia tristissima de que a morte acaba de pousar sua mão consoladora sobre esse coração que tanto pulsára de amor pelos moços, de amor pela sciencia, de amor pelo Brazil, de amor,

principalmente, por Minas Geraes... Por Minas Geraes, sim, pois, com a noticia de seu fallecimento, nos veiu, tambem, a de que era sua intenção, vir passar o resto de sua vida aqui, entre nós, nesta terra que elle tanto serviu e tanto engrandeceu, nesta terra onde seu coração, que parecia enrugado pelas asperezas da sciencia e frio pelo contacto das realidades das cousas, reffloriu num grande amor, que o levou a constituir um lar, ligando-se a uma das mais distinctas familias mineiras.

Não conseguio o velho sabio realizar o seu anhelo. E, ao fechar os cansados olhos á vida, que elle tão nobremente viveu, certamente havia de passar-lhe, no transe final, pela retina, não de todo insensibilizada ainda, a visão querida da doce e amiga terra mineira, onde tanto vivera e tanto amára.

Essa derradeira recordação suavizou-lhe, sem duvida, o momento extremo, como áquelle personagem de Virgilio, o qual, ao morrer longe da Grecia, se lembrava, com saudades, de sua doce Argos, — «Et dulces, moriens, reminiscitur Argos...»

Setembro — 1919

VI

Dr. José Caetano de Almeida Gomes

Entre as amadas recordações evocadoras de meus tempos de estudante, conservo, com enternecido cuidado, um volume do *Tratado Elementar de Química Organica* de M. Berthelot, que me foi offerecido, em 1893, por esse meu saudoso e erudito professor. E, ainda agora, folheando esse livro antigo, tão valioso pelas preciosas notas que por suas velhas paginas foi espalhando o bondoso mestre, revejo, numa grata revivescencia, a figura esgrovinhada, miuda, ossificada, daquella especie de fakir, cuja vitalidade parecia concentrar-se, inteira, no craneo alongado, de fronte largamente aberta e illuminada, onde fulguravam, como no cimo de um pharol, dous olhos a que as lentes dos oculos de myope exaggeravam o brilho e communicavam vivacidade mais intensa.

O dr. Almeida Gomes era, antes de tudo e mais do que tudo, um medico; mas da ordem daquelles descriptos por Teixeira de Queiroz, os quaes fazem da medicina, apesar de todos os seus erros historicos, suas theorias ephemerias, suas difficuldades de estudo, suas hesitações no caminho a seguir, — o baluarte, a torre magnifica, defensora do instincto mais que humano, pois é animal, de evitar o soffrimento. Elle, tambem, pensava não haver estudo mais digno, mais nobre e mais levantado do que a medicina, que estuda a vida na sua genese, no seu funcionamento, na sua extincção; que a acompanha nas turvações da doença; que procura tornal-a risonha, feliz, agradável, matando a dor,

conservando a belleza da fórma humana, libertando o espirito da anormalidade, para que siga no seu exercicio triumphal.

Discipulo apaixonado de Claude Bernard, em cujas obras geniaes abeberára seu espirito perquiridor, era um adepto fervoroso do determinismo scientifico e um paciente e escrupuloso experimentador.

Pouco tempo depois de formado, e quando seu nome já começava a ser repetido com sympathia e applausos através dos diversos logares por onde, clinicando, ia espalhando sua acção benfazeja,—teve de atravessar o fóco ardente da politica, acceitando a cadeira de deputado provincial, que o partido conservador lhe offerecêra, na legislatura de 1836-1837.

Terminado, porém, o seu biennio, voltou a seus doentes, a seus livros, a suas plantações, pois se dedicou, tambem, á agricultura, em Ponte Nova e na Barra Longa, amando a terra e a tudo quanto a ella se prendia, com aquelle grande e largo amor com que S. Francisco de Salles amava a todas as criaturas. Era tão requintado o amor que Almeida Gomes professava á natureza, que delle poderia dizer-se o que foi dito do velho Affonso, d'Os *Maias*: «Tudo o que vive lhe merecia amor, e era dos que não pisam um formigueiro, e se compadecem da sêde de uma planta».

Em fins de 1890, tendo sido posta em concurso a cadeira de *Chimica Organica* da Escola de Pharmacia de Ouro Preto, a ella concorreu Almeida Gomes. Afim de preparar-se convenientemente para esse certamen scientifico,—conforme m'o referiu depois,—tomou, de aluguel, uma casinha em um bairro silencioso e pouco frequentado, de Ouro Preto, e ahí, sózinho, como um anachorêta, longe da familia, dos amigos, dos prazeres e das exigencias sociaes, entre livros, retortas e reactivos, mergulhou fundo, durante mezes, nos segredos encantadores da attraente sciencia que pretendia professar. Quando, desse longo exilio voluntario, emergiu á luz da sociedade, estava aparelhado de conhecimentos e apercebido de armas para a luta, na qual teve de entestar concurrentes de valor.

Esse concurso, que marcou época nos annaes da velha *Escola*, foi assignalado por uma nota rubra e tragica.

No correr da prova oral do mesmo, realizada a 7 de novembro de 1890, falleceu subitamente, aos olhos dos collegas, dos concurrentes, dos estudantes e dos assistentes estupefactos, victimado por uma hemoptyse fulminante, o presidente da banca examinadora, Luiz Barbosa da Silva, notabilissimo professor de chimica inorganica e mineralogia do instituto onde se processava o concurso.

Classificado em primeiro logar, e nomeado professor cathedratico da materia da qual se revelára tão profundo sabedor,—o seu ensino deixou sulcos inapagaveis no espirito e no coração dos moços que, durante os annos de 1891-1894, se assentaram nos bancos da conceituada e quasi secular *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*.

Occupou, nesse periodo, com notavel proveito para as sciencias pharmaceuticas, o cargo de director daquelle instituto, devendo-se a elle a montagem da excellente bibliotheca que o mesmo possui, e os primeiros impulsos para que a *Escola* entrasse naquella brilhante phase de reorganização, que a fez hombrrear com os melhores estabelecimentos do genero.

Foi, porém, de curta duração sua permanencia em Ouro Preto. Sua saude melindrosa e combalida não se compadecia com a aspereza do clima excessivamente frio da velha capital.

Além disto, conforme eu disse, linhas atrás, elle atravessára o fóco ardente da politica, e, como é sabido, a quem assim o fez, ficam-lhe sempre algumas fagulhas delle.

Em má hora, portanto, o mestre, cuja reputação pedagogica ia crescendo e alargando-se, trocou a sua cathedra pelos amavios da fallaz seductora, a qual, na phrase de Camillo Castello Branco, é a tórpe Dalila que tosquia todos os Sansões da poesia e corta os voadouros dos melhores espiritos.

Eis, pois, o querido professor ás voitas, de novo, com a politica. Incluído na chapa do partido constitucional, por occasião das eleições de 1.º de março de 1894, foi eleito, por grande maioria, deputado pelo 1.º districto de Minas, na segunda legislatura do Congresso Federal, havendo sido o seu mandato renovado nas eleições de 30 de dezembro de 1896.

Reconhecendo, porém, por dolorosa experiencia, que «os assumptos puramente politicos, em que apenas se movem conveniencias immediatas e momentaneas, nunca foram a preocupação permanente dos espiritos cultos e viris»,—abjurou, de vez, todas as pompas da politica, na qual, como disse aquelle sensato Videirinha, da *Ilustre Casa de Ruyres*, «hoje é branco, amanhã é negro, depois, zás, tudo é nada»!

Dotado de espirito indagador, de curiosidade insatisfeita, de operosidade febril, dedicou, desde então, sua actividade assombrosa ao estudo e ás applicações de diversas industrias, com alternativas de exito e de revêzes,—exitos que o não envaideciam, revêzes que não o abaiam.

A ultima vez que o vi, ha quatro annos, em um sobradinho, de uma alegre e pacata rua do bairro de S. Christovam, no Rio, andava elle preocupado com o estudo das applicações da fibra vegetal a diversos usos industriaes.

Em fins do anno passado, tive a grande dor de saber que elle fallecêra, e dor ainda maior de ver que o seu nome, outr'ora tão pronunciado e tão abençoado, aqui, nesta formosa e ingrata Minas, já estava quasi apagado da memoria esquecediça do povo, a quem elle tanto beneficiára com as magnificencias de seu saber, as abundancias do seu coração, a honestidade do seu labor.

A mim, é que nunca esquecerão as excellencias das lições que recebi de seus labios, e a dedicação sem limite, a ternura affectuosa, a

caridade evangelica com que, durante quarenta dias e quarenta noites, — noites atravessadas de sobresaltos, dias illuminados de esperanças, — elle me ajudou a arrancar um filho querido das garras da morte.

Tudo isso não mais me esquecerá, nunca mais!...

Maió - 1916.

VII

Leonidas Damasio

O nosso operoso historiador patrio, Diogo de Vasconcellos, em um de seus apreciados discursos, referindo-se a Ouro Preto, chamou-lhe «cidade eterna, cidade berço, cidade escola, cidade fortaleza, cidade templo, patria commum do povo mais livre, mais morigerado, mais solidario, que os dois ultimos seculos têm visto».

«Cidade escola!» Nada mais expressivo, nada mais acertado...

O Ouro Preto de ha quarenta annos era, com effeito, um antigo burgo escolastico, de recolhimento pensativo e de paz estudiosa, do qual se poderia dizer o que se disse de uma outra cidade, parecida, tambem, com uma dessas velhas cidades universitarias allemãs, em que se encontravam a vaguear, pelas ruas silenciosas, sabios pensativos e estudantes sonhadores, isto é, poderia dizer-se que era uma cidade de pensamento: havia idéas pelo ar, em um commercio silencioso e incomprehensível. Em cidades assim é que, na quietação da natureza e dos homens, o pensamento se crystaliza, as creações da mente tomam corpo, vivem, substituindo-se á realidade. Não póde haver, em outra parte, ambiente mais proprio para as longas abstracções, em que só o espirito trabalha, não havendo ruido que perturbe a formação da idéa, nem agitações que possam desviar o curso da reflexão.

Foi no Ouro Preto dessa época que conheci o professor Leonidas Damasio, pontificando na cadeira de Historia Natural da Escola de Minas, nesse Ouro Preto, o qual como a cidade de S. Paulo do teu tempo, e que, tão lindamente, decantaste em teu verbo de ouro, ó meu doce Olavo Bilac, era, tambem, uma cidade pequena, feia e escura; mas naquelles dias de pouco sol e naquellas noites de muita garôa, ampliava-a a nossa mocidade; aquecia-a o calor do nosso sangue; illuminava-a o clarão da nossa jovialidade.

Natural da Bahia, em cuja Faculdade de Medicina se diplomára em Pharmacia, Leonidas Damasio viéra, moço ainda, para a velha Capital mineira, fazendo parte componente do primeiro nucleo de sabios professores da reputada Escola de Minas, da qual, mais tarde, chegou a ser Director, quando se retirou da mesma Henrique Gorceix, seu fundador.

Era um guapo mocetão, alto, apollíneo, tendo, emoldurada por negras suissas, a fronte sempre illuminada pelo «claro riso dos heróes», a que se referia Michelet.

Além de poeta, de orador e de jornalista, Leonidas Damasio realizava, integralmente, o typo do professor perfeito, tal qual foi definido por conhecido escriptor, isto é, com a instrucção liberalizada a seus alumnos, procurava, igualmente, communicar-lhes autonomia intellectual, idéas proprias, convicções firmes, aperfeiçoando-lhes as almas pelos solidos ensinamentos das virtudes dignificadoras e austeras; ensinando-os a terem respeito por si e pelos outros, a serem infinitamente tolerantes com todas as crenças, a saberem amar a liberdade, a conhecerem seus deveres sociaes e seus direitos, a elevarem as consciências acima do tumulto das paixões e dos estreitos e odiosos fanatismos que conturbam a limpidez da razão.

Dono de palavra facil, colorida, persuasiva e quente, erão suas prelecções, formal e substancialmente, tão attrahentes e tão ávidamente disputadas, que, até mesmo os estudantes extranhos á Escola de Minas, como eu, fomos ouvil-as, naquelle instituto sempre franqueado a quem desejava aprender.

Como naturalista, além de publicações de real valor e de communições de grande utilidade, publicadas nos *Annaes* daquela Escola e em revistas scientificas, deixou uma, da qual conservo, com orgulho, um exemplar offerecido graciosamente por elle, intitulada *Um novo fétto do Brasil (Elaphoglossum Beauverdii)*, que elle descreveu e dedicou a M. G. Beauverd, e que figura no volume VI, de junho de 1925, do *Boletim da Sociedade botanica de Genebra*.

Havendo-se aposentado no cargo de professor, a que déra tanto lustre, foi convidado para dirigir a *Escola Agrícola de Piracaba*, no Estado de S. Paulo, onde pouco se demorou, por motivos de saude.

Transferindo sua residencia para Bello Horizonte, aqui viveu alguns annos, com o organismo, outr'ora tão vigoroso, profundamente abalado por pertinaz enfermidade cruel e depressôra, podendo-se, então, applicar-lhe as palavras de Lucano a respeito de Pompeu: «*Stat magni nominis umbra*».

Em um dos ultimos dias luminosos de abril, deste anno, a morte piedosa o adormeceu em seu regaço maternal...

Setembro - 1922.

VIII

Eduardo Machado de Castro

O notavel medico portuguez, Julio de Mattos, escrevendo, certa vez, sobre o extraordinario docente da *Escola Medica de Lisboa*, Souza Martins,—estabeleceu, com muita justeza, a distincção entre o professor e o mestre propriamente dito.

Saber muito,— disse elle; conhecer na sua historia e nas suas ultimas acq̃uic̃oes a sciencia ensinada; ter um profundo sentimento das difficuldades que ella reserva aos que começam; utilizar com egual facilidade os recursos da analyse e da synthese,— taes são as preciosas e raras qualidades indispensaveis ao professor. Mas, no mestre, outras têm de integrar-se ainda, excepçoes, essas, e absolutamente inacessiveis ao esforço da vontade: taes são a originalidade especulativa, que suggestiona os espiritos e bruscamente illumina horizontes novos da sciencia; a critica iniciadora, que resulta de uma systematizaçãõ pessoal de doutrinas; a eloquencia, que é a espontanea identificaçãõ da palavra com a idéa; emfim, abraçando e dominando tudo, um profundo e vasto amor da mocidade. Porque, si as relações entre o professor e o alumno se interrompem e se suspendem, transpostas as aulas, as do mestre com o discipulo são incessantes e suppõem uma afinidade intellectual que a natureza humana difficilmente comporta sem uma larga base affectiva:

Pois bem; «esse profundo e vasto amor da mocidade, essa larga base affectiva», foram os predicados que sempre destacaram Eduardo Machado de Castro dentre o luzido corpo docente do *Lycœu Mineiro*, da *Escola Normal* e da *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*, onde elle leccionou.

Tão vasto e tão profundo era esse amor, que, não fôra a corpulencia de athleta com que a natureza o dotára, difficilmente se diferenciaria o mestre dos discipulos, por occasião daquellas formidaveis patuscadas que enchiam de canções e, às vezes, de bordoadas, as nevoentas noites arrepiadas do frigidõ Ouro Preto da ultima década da monarchia.

De dia, no velho *Lycœu*, o estimado Líllica (como, então, lhe chamavamos) leccionava, com proficiencia e paciencia, *Historia* e *Geographia* a rapazes que, attentos e respeitõs, recebiam o seu ensinamento, de cuja solidez e de cuja elevaçãõ são traços evidenciadores as monographias que escreveu, taes como *Epanaphoras mineiras*, *Historia da conjuraçãõ mineira* etc. A' noite, porém, á hora propicia ás serenatas e ás ceias aquecedoras, era de ver-se o sentimento poetico com que o mestre, cercado de discipulos sentados nos degraus musgosos das egrejas ancians, ou nos bancos de pedra das pontes seculares da velha capital, ao som das flautas módulas e dos violões gementes, recitava poesias de Fagundes Varella e de Castro Alves, atirando para as alturas os longos braços de bicípetes rijos; e, logo depois, o denõdo pantagruelico com que arrostava os bifes assassinos da tacca tradicional do *Passa bem*. E' a essa época, provavelmente, que se referem aquelles formosos versos de Lucio de Mendonça:

«Minas é a terra das manhãs brumosas,
Das longas noites de ideal poesia.
Como Allemanha legendaria e fria,
Minas é a terra das canções saudosas.»

Dir-se-ia que o Ouro Preto desse tempo era uma edição brasileira da velha Coimbra, e que aos estudantes de então, idealistas e sonhadores, que enchiam a velha Capital de rumor e de alegria, se poderiam applicar as palavras de um dos mais finos escriptores portuguezes, quando, referindo-se a universitaria cidade de seus dias, disse:

«Em cada estrella, plantavamos uma tenda, onde dormiamos e sonhávamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra clara estrella, porque eramos verdadeiramente, por natureza, ciganos do Ideal. Mas o Ideal nunca o dispensavamos, e nem as sardinhas assadas das tias Caméllas nos saberiam bem, se não lhes juntassemos, como um sal divino, migalhas de *Metaphysica* e de rhetorica. A pandega mesmo era idealista. Ao segundo ou terceiro decilitro de carrascão, rompiam os versos. O ar de Coimbra, de noite, andava todo fremente de versos. Por entre os ramos dos choupos, mal se via com a névoa de nossas chimeras...»

.....

Era alto, espadado, moreno, de olhos grandes e vivos, testa ampla, bocca francamente rasgada, onde alvejavam duas fileiras de dentes de um esmalte impecavel, que tornavam mais claro seu riso bonacheirão e amigo;—a face gordanchuda e fresca e o alentado corpanzil taurino do Líllica lembravam o todo anafado e prospero de um conego de prebenda inteira.

Trajava-se com apurado esmêro; e, nos dias solemnes dos institutos onde leccionava, bem como nas noites de theatro e de conferencias (pois era, tambem, orador fluente e imaginoso), Machado de Castro apresentava-se, invariavelmente, de alta cartola luzidia, ampla sobrecasaca bem talhada e luvas pretas.

Nunca se irritava; nas aulas, e por occasião dos exames, era de tolerancia magnanima: dirigia a pergunta ao alumno ou ao examinando, e punha a mão em concha, atraz do pavilhão da orelha, porque era um pouco surdo. Si a resposta era disparatada, elle, quando muito, a sublinhava com uma de suas gargalhas estentoricas.

Conta-se, entretanto, que teve raiva uma vez: foi numa banca examinadora de geographia, da qual faziam parte elle e o dr. Costa Senna, mais tarde director da *Escola de Minas*. O examinando era de ignorancia acintos. O dr. Senna, porém, paternal e bondoso, esforçava-se por salvá-lo, propondo-lhe questões elementarissimas. Ao perguntar-lhe, certo momento, qual era o rio que banha a cidade de Paris, o estudante embatucou; o dr. Senna, para avivar-lhe a memoria perra, fez-lhe ver que, na banca, havia alguem que tinha o nome desse rio. O examinando, depois de circumgir os olhos lentos pelos tres examinadores, demorou-os, por um instante, em Machado da Costa, e, como si recebesse o lume da inspiraçãõ, respondeu, impávido: «E' o rio Líllica!» Este, como se ouvisse uma allusãõ pessoal, deu, sobre a mesa, um rijo murro que fez saltar, sobre a mesa, a tinta do tinteiro.

Fóra disto, e nas horas de folga, era, apenas, o mais velho dos estudantes: alegre, despreocupado, bohemio, generoso e amigo da boa pilheria.

Quando, por decreto n. 600, de 2 de janeiro de 1893, foi creado o curso do Bacharelado em sciencias naturaes e pharmaceuticas, annexo á *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*, Machado de Castro, já entrado em idade,—pois tinha bem mais de quarenta annos, e sendo, ha muito, pharmaceutico,—defendeu, com grande brilho, perante a congregação daquelle instituto, uma these interessantissima sobre — *Veneno ophidico*,— a qual lhe valeu não só o titulo de bacharel, como o de professor do curso recentemente creado.

Foi por essa época que ouvi suas lições, depois de haver sido, annos antes, seu examinando de diversos preparatorios.

Em 1912, estando eu morando, temporariamente, no Rio de Janeiro, li, em uma linda manhã, no *Palz*, com surpresa e magua, a noticia de seu fallecimento inesperado, naquella capital, onde tinha ido em visita a uma filha casada, alli residente.

A hora em que tive a triste nova e a distancia da casa em que se deu o obito, não me permittiram ir acompanhá-lo á derradeira morada e lançar sobre o corpo inerte do querido mestre a minha pá de terra.

Deixo-lhe, porém, aqui, nesta pagina incolor, o tributo de minha saudade.

Pobre Lilical...

Elle era bem dos espiritos selectos de Bourget, — daquelles «que datam e marcam um descobrimento novo na sciencia de provar amarga e docemente a vida, ao que, talvez, se reduza toda arte».

Delle, tambem, poderá dizer-se o que foi escripto a respeito de um jornalista e ex-professor, ha pouco fallecido, isto é, que, si na sua estatua alguém descobrir pelliculas de barro humano pegado ao ouro, si nas pregas do manto divisar avêssos, perdõem os peccados veniaes, si é que os teve, ao que transitou tamanha via com a inteireza de um justo, perdoem, porque muito amava o que mais deve amar-se— porque muito amou a sua Arte, porque muito amou a sua Terra. Viveu e morreu nessa religião e nessa fé...

Maio—1916.

IX

Estevão Lobo Leite Pereira

Deste, ouvi eu poucas lições; mas estas bastaram para firmar em meus espirito a convicção da eminência a que elle sabia alçar sua capacidade didactica.

Foi isto em 1904, aqui em Bello Horizonte, na «Faculdade Livre de Direito», quando, em uma de minhas fugazes incursões pelos variados

dominios das sciencias, frequentei, accidentalmente, o primeiro anno do curso juridico.

Estevão Lobo, que era, então, deputado federal, deu-nos, durante as ferias parlamentares desse anno, poucas, porém magnificas lições de *Philosophia do Direito*.

A par de uma cultura variadissima, possuia elle uma qualidade que, por sua propria demasia, prejudicava, algum tanto, o seu ensino: era sua eloquencia verdadeiramente torrentosa. As palavras acudiam-lhe em um fluxo labial tão precipitemente impetuoso, que se atropelavam em catadupas, mas irisadas catadupas de perolas. Lembra-me bem que, no primeiro dia de aula, elle nos reproduziu a bellissima prosopopéa de Schopenhauer; mas, tão depressa, tão depressa, que, ao sairmos da «Faculdade», traziamos nos ouvidos encantados o som musicalmente cantante de suas arrebatadoras palavras, sem que, entretanto, houvessemos apprehendido o sentido integral das mesmas. O seu ensino, todavia, era solido, as idéas, que elle semeava, germinavam prestemente no espirito dos discipulos.

Si, como professor, Estevão Lobo sabia captar as sympathias e provocar a admiração da mocidade que o escutava, — como escriptor, tinha a maciez de um arminho.

Com que fundas saudades, não revejo, com os olhos da imaginação, a quadra ditosa em que, em ameno sodalicio e alegre camaradagem, ao lado delle, de Affonso Arinos, de Francisco Sá, de Antonio Olyntko, de Nelson de Senna, de Juscelino Barbosa, de Calogeras, de Costa Senna, e de outros, redigiamos, em Ouro Preto, um pouco tumultuariamente, «O Estado de Minas», em sua phase de 1894 a 1896!...

Cada um de nós se incumbia de uma secção especial. Estevão Lobo publicava, então, sob a inicial *E*, umas deliciosas chroniquetas com a modesta epigraphe — *Fugitivas* — e uma serie de *Recordações*, de seu tempo de estudante em S. Paulo.

Para avaliar se a suavidade com que tratava seus assumptos, transcrevo aqui a seguinte de suas *Fugitivas*:

«Era muda. A sua voz morria num indelevel som, assim como o gemido soturno de um coração a que acerado estylete, de subito, golpeasse...

Então os seus olhos falavam.

Falavam um poema de saudade, de amor, e de angustia...

Sua imaginação de moça tambem gostava de fantasiar galanteios e via-se, por vezes, errante tambem em scismar sem fim pelo radioso paiz dos Ideaes...

Sua alma enamorada tambem vivia, tambem tinha seu canteirinho roseo de illusões e de anceios...

E todo esse mundo radiante de affectos e de esperanças, como desarvorado batel, extinguiu-se dentro de seu proprio peito»

não vindo explodir, cá fóra, num primaveril esplendor de rosas de maio...

Era maior a sua dôr, e mais profunda a sua angustia, e mais lancinante a indizível expressão de morte de seus brilhantes olhos negros,—quando elle, o eleito de sua alma, passava, indifferente, e não tinha para ella a muda linguagem de um apaixonado olhar de affecto!»

No dia 12 de dezembro de 1897, em que se installou a *Cidade de Minas* (hoje Belo Horizonte), e para ella se transferiu o governo do Estado, Estevão Lobo publicou no *Minas Geraes*, sobre a velha Capital, uma pagina primorosa, que o fallecido escriptor Xavier da Veiga comparou á sublime evocação de Nunez de Arce, no *Ultimo lamento de Byron*, quando esse personagem, inspirado pelas recordações heroicas e commoventes da Grecia, exclamou: «Não morrerá jámais! Ainda que se extinga a luz do teu esplendido firmamento, — os ecos das montanhas gigantes, os rumores dos bosques e dos ventos repetirão incessante e cadenciosamente os gemidos dos teus vencidos olympicos!... Não te assustes pelo porvir, terra desventurada! Ainda que, um terremoto, de subito, te abysmasse, tu não morrerás: bastaria uma estrophe, um fragmento de templo, — cinzas frias de teu passado — para tornar-te eternamente lembrada!»

Não dessa pagina evocadora, intitulada — *Ouro Preto*, — a qual me recu tão calorosos gabos do actor das *Ephemerides mineiras*, os seguintes fragmentos:

«...Por ventura, as héras te emmoldurarão, adorada cidade, que os homens não souberam bem aperfeiçoar, mas que has de viver, grandiosamente, de todas as tuas reliquias, sob o olhar desse vidente, o épico Inconfidente, — olhar que vê como se novos bandeirantes se fossem largando pelas terras a dentro, indo espalhar a sementeira, fecunda que effloresceu, primeiro, em teu coração...

Um dia, ainda resurgirás talvez.

Quem sabe das mysteriosas leis que nos governam?

Quem sabe si de todo esse patrimonio reviverás outra vez, para as sumptuosas festividades do teu proprio progredir?

Quem sabe si, consoante á lenda, ainda o teu seio opulento se desatará numa exuberante floração de ouro, muito onro fulgido, com que, de novo, faças os homens penetrarem no mais fundo de teus rochedos para, felizes garimpeiros, ainda uma vez, pendurar, na visinhança dos céos, outros marcos miliarios da felicidade que lhes sorriu? Embora!

Preferível, emtanto, o que vaes ser em pouco: solitaria paragem para onde aportarão os viajantes, levados de curiosidade

por conhecer a humilde cidade, em cujo amavel recanto inscreveu a historia mineira as suas eglogas e as suas epopéas, e onde agora, pelo transcorrer das estações, na silente doçura das noites de gratissimo luar, cantam os violinos, cantam as concertinas suaves,—tristezas e saudades, para o sempre crystallizadas na melguice de tuas ruinas...

Mas, os templos, os monumentos da fé, abençoarão eternamente, de seus zymborios brancos, ainda revivescentes á grandeza de outr'ora, abençoarão as gerações que vierem, dando-lhes a conhecer as tradições de magestade que se foram... »

Estevão Lobo, conforme eu disse acima, foi deputado federal. Apesar de nossos annes parlamentares encerrarem pégadas luminosas que elle deixou em sua rapida passagem pela politica, esse nosso saudoso patricio não se deteve na arena abrazada. E' que a vulgaridade, — segundo disse alguém, com razão, — não vae com o espirito litterario; são entidades contrapostas; elle é um poder aristocratico por excellencia; ella é, por excellencia, um poder nivelador.

Ha cinco annos, uma fatalidade tórva apagou-lhe, de modo violento e tragico, a estrella de seu destino.

Em uma das mais apraziveis praias de banho do Rio de Janeiro, Estevão Lobo pereceu afogado.

Mostraram-me o logar onde se desenrolou a catástrophe que fez atufar-se, nas vagas perfidas, aquella grande luz, que ainda não havia dado todo o seu brilho.

Era ao cahir da tarde. Ondas querençosas beijavam mansamente, naquelle momento, a orla da praia alvacenta; mas, das profundidades longinquoas do oceano, subia um som melancolico e plangente, como immenso soluço doloroso. Era a grande voz do remorso do gigante devorador de vidas, pensei eu... E afastei-me, revolvendo na mente os versos do poeta francez.

«La mer, qui a englouti tant d'espoirs et tant d'amours,

La mer se plaint encore, la mer se plaint toujours!... »

Junho - 1916.

X

Conego Antonio Cyrillo de Oliveira

Relendo hoje, nesta manhã arrepiada e opaca, aquelle admiravel capitulo das *Notas Contemporanea* de Eça de Queiroz, sobre a *Cosinha archeologica*, lembrei-me, com uma grande e doce saudade, da figura jovial e suggestivamente sympathica do amavel e popular conego Cyrillo, cuja memoria ainda vive, presente e palpitante, na ment da geração actual.

Mestre de Francez no *Externato do Gymnasio Mineiro* e professor dessa grande força da alma, a alegria, a que Michelet chamou a quarta virtude divina, o conego Cyrillo foi daquelles que souberam identificar a vida com a mesa, e comprehenderam como a palavra *convivium*, desde os dias de Cicero, significava, indifferentemente, a sociabilidade moral, que liga os homens, e o banquete, que os reúne materialmente em torno do mesmo guisado.

Dir se-lhe que esse risonho e tolerante mestre, ao traçar o seu programma de vida, se inspirára na obra de Atheneu, citada por Eça de Queiroz e intitulada *Delpnosophistae*, ou *Doutores jantando*, na qual aquelle escriptor do tempo de Marco Aurelio e de Septimo Severo nos forneceu noções e noticias da cozinha grega, romana e alexandrina, as tres grandes escolas de cozinha da antiguidade, que elle nos conservou, para que não se obliterasse entre os homens a arte superior de bem comer.

Nem se diga que a predilecção desse original patricio nosso pela boa mesa fosse uma qualidade grosseira e subalterna. De modo algum. O comer bem,—conta-nos Atheneu,—foi uma das grandes preocupações do homem antigo, tão grande, talvez, como servir o Estado. A Grecia, que era sóbria por temperamento e por educação, elevou a uma alta dignidade a arte de cozinha. Platão não duvidou de a equiparar á oratoria, e, num de seus dialogos magnificos, envolve nos mesmos louvores os que *gulsam e apresentam bem as idéas e os almentos*.

Latinista consummado e altamente versado na antiga litteratura romana, aprendeu o conego Cyrillo, desde cedo, antes que lh'o mostrasse o auctor das *Notas Contemporaneas*, que a mesa e seus prazeres foram um dos assumptos sobre que se exerceu, com mais afinco, o genio poetico e mesmo philosophico dos antigos. Horacio, filho delicado de Epicuro, não cessou de cantar honestamente a garrafa e o prato. Um livro inteiro dos *Eplgrammas* de Marcial é consagrado a celebrar o que se come e o que se bebe. Com o mesmo cálamo que traçava a *Enelda*, Virgilio compoz um poema sobre os doces de sobremesa. O mais severo dos homens, Catão, dedica paginas graves á couve, ás suas variedades, ás suas virtudes, á sua acção nos costumes, e foi mostrando, aos olhos gulosos do Senado, a belleza e o tamanho dos figos de Carthago, que elle fez decidir a ultima guerra punica.

Não se lhe impute, entretanto, ao nosso optimo conego Cyrillo, o sórdido peccado da gula, pelo facto de haver sido um grande apreciador de cheirosos pitéos. É sabido que ha uma vasta sciencia e delicadezas subtis na organização de um jantar. O homem,—informa-nos o fino commentador da *Cozinha antiga*—, o homem põe tanto de seu caracter e de sua individualidade nas invenções da Cozinha, como nas da Arte. O Parthenon, a Venus de Milo e as *Anacreonticas* dão menos idéa da doçura, da delicadeza, da ligeireza dos athenienses, do que aquella sua sobremesa tão predilecta e que consistia em maçãs cozidas desfeitas em mel, depois cozinhada, em folhas de rosa. Entre os romanos,

a etiquêta dos banquetes era tão essencial, de uma tão seria influencia na vida publica, que Paulo Emillo, o vencedor de Perseu, considerava igualmente necessario ao homem de Estado, ao verdadeiro Romano, o saber organizar uma batalha e dispor um festim.

Não era, tão pouco, o querido mestre um egoista, um escravo do ventre, rez anafada do triste rebanho de Epicuro. Não. Era, pelo contrario, de uma sociabilidade captivante, de uma soberana generosidade quasi perdularia.

Em summa, não é pelas regras de grammatica que o conego Cyrillo ensinou; nem pelos leitões assados que comeu; nem pelos saborosos vinhos que bebeu, que sua memoria continúa a viver, perfumada por uma grata saudade, no coração dos que o amaram. É, sim pelo que elle deu de comer aos outros, matando a fome, com a largueza de suas mãos bemfazejas, a muitos necessitados; é pelo que, na apojadura jorrante de sua liberalidade, deu de beber a seus semelhantes, daquelle *leite da bondade humana (milk of human kindness)*, de que fallava Shakespeare.

É por tudo isto que, sobre a modesta sepultura onde, ha quasi nove annos, elle descança, no *Cemiterio do Bomfim*, poder-se-ia gravar aquelle formoso epitaphio que se lê em um tumulo de um dos cemeterios da Italia:

*«Qutsquis es, optilove bonus, bona vel caprimulga,
Siste pecus, cinerl munera ferque sacro;
Da violas tumulo, spargat dulcissima vina
Cantharus, et tepido lacte madescat humus».*

(Quem quer que sejas,—bom pastor de ovelhas, ou boa cabreira,— detem o teu rebanho e traze offerenda a esta cinza sagrada; cobre este tumulo de violetas, e teu catarro derrame sobre o mesmo os mais doces vinhos, e humedeça a terra com o leite mórno).—

Julho—1916.

XI

Octavio de Britto

O fallecimento do professor Octavio de Britto, occorrido a 26 do corrente, em Bello Horizonte, veiu reviver, em minha mente já cançada, reminiscencias que pareciam sepultadas para sempre, sob o peso crescente das tristezas e dos desenganos, que a vida nos vae accumulando no coração.

Com esse que agora acaba de desaparecer, são seis de meus antigos mestres, na velha *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*, cuja voz emudeceu definitivamente: Wilhem Schwacke, Almeida Gomes, Felcio Magaldi, Eduardo Machado de Castro, Sisinio Pontes, Octavio de Britto !..

De todos elles, recebi ensinamentos; em contacto com o espirito de cada um dos mesmos, meu espirito se aperfeiçoou; no convívio de cada um, aprendi um pouco a venerar a sciencia, a amar a meu semelhante, a ser compassivo com os que soffrem.

Foi isto na remota era de 1892—1895.

A matriarcha de nossos institutos de ensino superior estava em seu periodo aureo.

Sob o influxo revigorante da acção fecunda de homens de governo, de visão clara e de largo descortino, como Antonio Augusto de Lima, Affonso Penna e Silviano Brandão, essa tradicional e, hoje, octogenaria *Escola* sahira de um desgraçado pardieiro, de aluguel, onde estava funcionando, para a sede propria, elegante e definitiva, que é a mesma onde, até agora, se acha installada; seus gabinetes e seus laboratorios foram dotados de instrumentos, de apparatus, de utensilios, de material pedagogico, do mais moderno e do mais efficiente; renovára-se seu mobiliario archaico; ampliaram-se seus cursos, instituindo-se o *Bacharelado em sciencias naturaes e pharmaceuticas*; um novo sôpro creador, emfim, perpassava sobre a ancestral fundação de Bernardo Jacintho da Veiga, uma era de renascença promissora despontava para a mesma.

Foi durante esse periodo que frequentei aquella *Escola*, onde encontrei, illuminando as respectivas cáthedras, entre alguns outros, felizmente ainda vivos, os seis professores acima mencionados.

Como disse, esse instituto de ensino attingira, nessa época, a culminancia de sua prosperidade material e do seu progredimento moral.

Redigidos por moços de talento e de esperanças, partiam, então, da *Escola*, para a luz e para o grande mundo da publicidade, tres jornaes: *O Atheneu*, *Ensaio e Revista de Sciencias e de Pharmacia*; celebrámos, em 1893, o 56.º anniversario da fundação da mesma, com uma festa de raro esplendor, á qual concorreram representantes de todos os jornaes do Rio de Janeiro, pronunciando, por essa occasião, em nome da *Gazeta de Noticias*, o nosso actual representante consular junto ao Vaticano, em Roma, Carlos Magalhães de Azevedo, um dos mais formosos discursos que tenho ouvido; nossa bibliotheca enriquecêra-se com donativos valiosos; tomámos parte em luctas renhidas e ruidosas, a bem da saúde e da vida dos habitantes da velha Capital, sendo a mais celebre aquella em que, chefiados por Campos da Paz — alma de D' Artagnan num arcabouço de medico — abrimos campanha rija contra o commercio local, a proposito dos vinhos falsificados, e cujo tristissimo epilogo foi a morte de um dos contendores, varado á bala, na *Praça de Tiradentes*, por occasião de um conflicto temeroso entre estudantes e commerciantes, o qual só foi apaziguado pela intervenção de forças do exercito, quartelladas em Ouro Preto.

Era um tempo em que as almas se aqueciam ao calor ardente de ideias nobres, e em que os corações palpitavam de amor e de enthusiasmo pelas grandes causas.

Octavio de Britto, um dos professores mais jovens, de então, encontrava-se sempre ao lado dos discipulos, em todas essas manifestações de civismo, em que se empenhava a alma activa e generosa dos moços.

Vendo-o, agora, tombar da cáthedra, onde o collocára um porrioso concurso, é com o coração tímido de saudades que revejo, em espirito, seu perfil de moço franzino, algum tanto canhestro e de poucas fallas, mas já revelando os pródromos da energia masculina e da tenacidade bronzea que nelle haviam de explodir mais tarde.

Do alto destas columnas, onde (ai de mim!) perpassam mais tristezas do que alegrias, e em nome do principio, segundo o qual «o culto dos mestres deve ser a religião dos que aprendem», — deixo cahir minha braçada de flores sobre os tumulos de tantos professores e de tantos amigos queridos, cujos nomes resoarão, com respeito religioso, sob as abóbadas dos amplos salões da *Escola de Pharmacia de Ouro Preto*, — mãe espiritual de tantas gerações de moços, que para alli vão passando e derramando, pela mesma, essa eterna poesia das cousas, que, na phrase do poeta, é a nossa propria alma transfundida nellas, como um raio divino da vida universal, circulando perpetuamente nas veias da primavera, eternando os esponsaes da natureza joven...

Janeiro — 1920.

XII

Cicero Ribeiro Ferreira Rodrigues

Disse Machado de Assis, em uma de suas chronicas lapidares, haver certas memorias que são como pedaços da gente, nas quaes não podemos tocar sem algum gozo e dor, mistura de que se fazem saudades.

A memoria de Cicero Ferreira é, para mim, uma dessas. Quando quero me consolar um pouco de sua ausencia, costumo tomar um banho de saudades, relendo as cartas que delle possuo, e, desse banho, minha alma emerge mais conformada, com o triste gozo a que se refere Joseph De Maistre, quando disse: *Ah! comme mon coeur jouit tristement lorsque mes Jeux parcourent les lignes tracées par un être qui n'existe plus! Voilà ses caractères, c'est son coeur qui conduisait sa main, c'est à moi qu'il écrivait cette lettre, et cel'e lettre est tout ce qui me reste de lui!*

Ainda hoje me refugioi nesse recanto do passado, e transcrevo aqui por sua importancia historica, uma das cartas que esse querido amigo me dirigiu, ha doze annos, estando eu residindo no Rio de Janeiro. É a seguinte:

«Bello Horizonte, 26 de julho de 1911.

Aurelio.

Affectuosas visitas.

Como você deve ter visto, pelas notícias dos jornaes, pretendemos lançar a pedra fundamental do edificio da Escola de Medicina no dia 30 deste, e ser-nos-ia bastante agradável que você viesse assistir á celebração solemne de um facto que foi sempre um dos seus mais queridos sonhos.

Veja se faz um esforço e venha.

Saudades nossas a todos os seus e um abraço

Do velho amigo

Cicero.»

A minha resposta foi esta :

«Caríssimo dr. Cicero.

Vae fazer agora treze annos que, por uma dessas nossas manhãs nostalgicas de setembro, assisti ao lançamento da primeira pedra da Santa Casa de Misericórdia de Bello Horizonte, — cerimonia essa promovida pelo medico humanitario e emprehendedor que se chama Cicero Ferreira. A Santa Casa de nossa Capital é, hoje, um estabelecimento modelar, — motivo de desvanecimento para seu abnegado e modesto fundador, e attestado vivo das excellencias da caridosa alma mineira.

Amanhã (30 de julho), realiza-se o lançamento da pedra fundamental da Escola de Medicina de Bello Horizonte, tambem sob os auspícios do mesmo espirito organizador, sob o presidio da mesma alma energica e bõa, do bom amigo dr. Cicero. Que será a Escola de Medicina, d'amanhã a treze annos? Fecundo seminario de medicos educados na escola austera do dever, nutridos pelas sans doutrinas e pelos fortes principios, que lhes inocularão, pela palavra e pelo exemplo, seu optimo director e seus zelosos professores, — animados todos, mestres e alumnos, do mesmo espirito de culto ardente á sciencia e de amor profundo ao proximo.

São estes, meu excellente amigo dr. Cicero, os votos, — estas são as previsões de quem, lastimando não poder corresponder á gentileza do seu generoso convite para tão grande festa, — abraça-o com emoção e affecto, felicita a seus illustres auxiliares, e congratula-se com o nosso Estado, pelo notavel acontecimento de amanhã.

Aurelio Pires.

Rio, 29 de julho de 1911.»

Vamos, por estes dias, entrar no 13.º anno depois do acontecimento a que se referem as cartas *supra*, e noto, com orgulho e alegria, que os augurios constantes de minha resposta vão-se realizando integralmente. Tudo isso graças á força inicial, á *vis a tergo*, impressa ao funcionamento de nossa Faculdade de Medicina pelo extraordinario

realizador que foi Cicero Ferreira. Que homem tão superiormente prendado não foi esse que, só com seu forte querer, conseguiu dotar a Capital mineira de um instituto de ensino superior que já se tornou um de seus mais vistosos florões!...

Ouçamos o que, em notavel panegyrico, disse, a esse respeito, um outro insigne e mallogrado mestre, o dr. Alvaro Ribeiro de Barros:

«Mas aquella cerebração privilegiada, desde longos annos, e emquanto se constituia a nova Capital de Minas, acariciava o sonho de fundar aqui uma Faculdade de Medicina. Era uma utopia. Que importa? Ou, tanto melhor, que o fosse. Por ventura não é esse o melhor criterio, o mais fidedigno padrão para julgar os grandes homens, essa capacidade, esse poder de dar realidade e vida ás utopias?

No principio era o chvis...

Cicero Ferreira viveu constantemente dentro deste sonho, influindo-lhe a propria vida, instante a instante. E a nevoa se foi condensando e tomando fôrma; os fios invisiveis das sympathias e das vontades se entrelaçaram em volta delle e a realidade aqui está: é este edificio, desde a sua primeira pedra; é esta organização, assim a material como a subjectiva; somos todos nós, seus obscuros companheiros; serão os que nos succederem, será tudo o que houver aqui emquanto esta escola existir! Tudo aqui o ha de acclamar, como o maior e o melhor dos nossos. E «se os sacerdotes emmudecerem, bradarão as pedras do Templo!».

Organizada a Escola, coube-lhe a cadeira de Medicina Legal, que regeu com proficiencia singular, como o attesta o julgamento insuspeito dos seus alumnos e grande numero de licções que, por felicidade nossa, ficaram escriptas.

Está na memoria de todos o que elle fez, como director desta Escola, por occasião da pandemia de «grippe», em que sua intervenção foi um dos grandes elementos que concorreram para diminuir os malefícios daquela calamidade publica.

Aqui, na vida diuturna desta casa, ou presidindo ás congregações, a cujos debates a sua palavra eloquentissima trazia jorros de luz; ou planejando melhoramentos ao que existia; ou cogitando de novas organizações, dir-se-ia que o seu lemma era o dos pionciros do ideal: *Excelsior!* Mais alto, cada vez mais alto! E assim foi até o fim».

Não foi, entretanto, sómente como fundador, como director e como professor da Faculdade de Medicina, que se manifestou a actividade constructora de Cicero Ferreira. Vejamos, rapidamente, o que, desde 1894 (época em que veiu residir aqui), lhe deveu a cidade de Bello Horizonte, da qual já se disse ter sido um dos mais notaveis opifices.

E' esta a lista colossal dos cargos publicos que aqui exerceu e dos serviços que prestou:

Primeiro escripturario da Commissão Constructora da nova Capital, e, por tres vezes, secretario da mesma; chefe dos serviços do Gabinete Photographico e do Observatorio Meteorologico; medico da Prefeitura; director da Hygiene Municipal; organizador dos regulamentos de Policia Sanitaria, do Matadouro, de Installações Sanitarias, e do Theatro Municipal; fundador da Sociedade Litteraria de Bello Horizonte, cuja bibliotheca, por doação feita á Prefeitura, constitue, hoje, a Bibliotheca Municipal; organizador do Laboratorio de Analyses Chemicas; inspirador da installação, aqui, da Filial do Instituto Oswaldo Cruz; planejador do Hospital, que tem hoje o seu nome, para o isolamento dos accommettidos de molestias infecto-contagiosas; fundador da Sociedade Humanitaria de Bello Horizonte, hoje Santa Casa de Misericordia; organizador e director do Serviço de propaganda e valorização do café mineiro; professor substituto da cadeira de Medicina Publica da Faculdade Livre de Direito.

Que maravilhoso, que estupendo mestre de energia, foi esse homem, de saude tão fragil e de caracter tão rijo!...

Como clinico, realizou, plenamente, o preceito enunciado por Grasset.—*«Le médecin complet doit être un savant doublé d'un artiste»*—ajustando-se-lhe, *in totum*, o que se disse do famoso Potain: «grande sabio, mestre incomparavel, bemfeitor quotidiano, o melhor dos homens e o mais perfeito dos medicos de seu tempo».

Dentro de poucos dias, isto é, a 14 de agosto do corrente anno, 3.º anniversario de seu fallecimento,—a Faculdade de Medicina vae inaugurar, em seu jardim, erguido em pedestal vistoso, o busto de seu amado fundador. Poder-se-á dizer do mesmo o que foi dito da estatua de Flaubert: «Nunca fronte mais digna, modelada em bronze, reluziu á luz dos céos!».

Julho—1923.

XIII

João Nepomuceno Kubitschek

"There 's a great spirit gone" !
Shakspeare, *Antony and Cleopatra*,
Act I, scene II.

«Hermengarda! Ousel amal-a,
De Favilla a nobre filha,
Das Hespanhas maravilha,
Mimoso esmero de Deus!
Ousel construir-lhe um templo
De adoração, na minh'alma,
Sonhel a vida tão calma,
Vendo o céu nos olhos seus!...»

E' esta a primeira estrophe do bellissimo poema inspirado pelo *Eurico*, de Alexandre Herculano, e composto por João Nepomuceno Kubitschek—poema esse milhares de vezes recitado pelas gerações de jovens, de ha quasi meio seculo, nos salões resplendentes de festas e de cordialidade, de Diamantina, ou nas saudosas serenatas daquellas noites ouropretanas, de doce luar nostalgico, ou de aspera *garða* penetrante, serenatas que enchiam de magia ineffavel aquelles ares amados, onde, até hoje, parece pairar o genio da poesia, desde que a voz de Dirceu e dos poetas da Inconfidencia por alli passou.

Era isto naquella época já desaparecida, em que os moços tinham as boccas cheias de risos e de versos, as almas abrasadas de largos ideaes, os corações tímidos de amor e de lyrismo...

João Nepomuceno Kubitschek, auctor desse formoso poema *Hermengarda*,—foi meu professor de inglez no *Externato de Diamantina*, instituto de ensino secundario, mantido pelo governo provincial, e que alli floresceu de 1879 a 1890.

Foi elle quem, primeiro, durante dous annos (1879-1880), me iniciou nos segredos e me revelou as bellezas da lingua de Shakspeare, *«the foremost man in all literature, the greatest master of the language most widely spoken among men»*.

Devo, pois, a esse mestre inolvidando o beneficio incalculavel, o dom precioso de poder ler, no original, as obras do assombroso tragico, de quem disse Flaubert: *«Quand je lis Shakspeare, je deviens plus grand, plus intelligent et plus pur. Parvenu au sommet de ses oeuvres, il me semble que je suis sur une haute montagne, tout disparaît et tout apparaît»*.

Foi aquelle saudoso mestre que, com seu saber, com seu bom gosto, com sua paciencia, me habilitou a, mais tarde, em 1888, traduzir e publicar esse poema de ouro, chamado *Evangelina*, do incomparavel poeta norte-americano, H. W. Longfellow, cuja imagem de marmore a Inglaterra, em um impulso de gratidão, collocou no meio de seus mortos glorificados, na sombra e no recolhimento do Canto dos Poetas de Westminster; a quem Portland, sua cidade natal, e Cambridge, onde elle viveu e morreu, erigiram estatuas, mas cujos monumentos mais bellos e mais duraveis se encontram na lembrança e no coração daquelles a quem elle encantou e consolou.

O professor Kubitschek leccionou, tambem, Pedagogia na Escola Normal de Diamantina; exerceu, de 1883-1885 o cargo de inspector geral de instrucção publica da então provincia de Minas; seus serviços prestimosos e seus meritos, realmente notaveis, foram aproveitados na politica, havendo sido senador ao Congresso Mineiro, — mandato que exerceu com elevação e proveito para a causa publica, tendo sido elle um dos principaes collaboradores da sabia lei n. 41, de 3 de agosto de 1892, que reorganizou o ensino publico em Minas, sobre bases largas e estaveis.

Numa ascensão natural e merecida, chegou ao cargo electivo de vice-presidente do nosso Estado, no quadriennio de 1894-1898.

Silviano Brandão, seu grande amigo e admirador entusiasta, ao assumir a presidência de Minas, em 1898, convidou-o para o cargo de director da Imprensa Official e redactor do «Minas Geraes».

Foi neste ultimo posto que a morte veio colhel-o, a 3 de junho de 1899, sendo victimado por uma pneumonia assassina, que triumphou de sua organização athletica, matando-o aos cincoenta e quatro annos de idade.

A triplice corôa de professor, de poeta e de jornalista, que lhe cingiu a fronte victoriosa, scintilla, com brilho igual, illuminando-lhe a memoria abençoada e impedindo que as sombras do esquecimento se adensem sobre seu tumulo.

Sempre que, no Cemiterio do Bomfim, me abeiro desse tumulo (e faço-o frequentemente, em muda homenagem de agradecida amizade), me occorrem as palavras da tragedia de Shakspeare, que epigrapham este perfil, e repito, com funda saudade enternecida: «Foi um grande espirito que desapareceu! *«There's a great spirit gone!...»*

Junho — 1928.

XIV

Antonio Olyntho dos Santos Pires

«E' o meu objecto tão sobejamente meu, tão minha foi, ou foi tão eu mesmo, a pessoa cujo elogio aguardaes, que o falar delle se me afigura, de certo modo, o mesmo que tecer eu o meu panegyrico».

Antonio Feliciano de Castilho. Elogio historico de Augusto Frederico de Castilho.

Foi este que, depois de haver sido meu socio dos folguêdos da infancia, pois nascêmos do mesmo ventre, bebêmos o mesmo leite nutriz e crescêmos debaixo do mesmo tecto; foi este que me comp'etou, em 1881, em Ouro Preto, as noções de arithmetica, que me valeram minha approvação em exame dessa materia.

Tinha elle, então, vinte e um annos, e eu dezenove.

Como vae longe tudo isto!...

Tres annos depois, em 1884, entrava elle, como professor, na Escola de Minas daquela cidade, onde, em 1882, recebera o respectivo grau — encarregado da regencia interina da cadeira de mathematica, passando, no anno seguinte, para a de agrimensura, topographia e cosmographia, cadeira esta em que se effectivou, em 1888, por meio de concurso, a que se submetteu, e na qual se jubilou em 1914.

O que foi seu ensino, naquella instituto, — diga-o o seu biographo e successor naquella cadeira, o provector professor Fausto Alves de Brito:

«Antonio Olyntho era um exemplo raro desses homens nos quaes nada empana o brilho das qualidades caracteristicas de espirito de escól, e que, em curto convivio embóra, nos patentêam seu valor na grandeza d'alma, nobreza de coração e elevação intellectual.

Raro, mui raro mesmo, se encontra, em um homem, conjuncto de attributos tão nobres, fazendo-se tão felizmente sobresahir uns aos outros, de modo a fazer daquelle que, pela primeira vez, o vê, um amigo e admirador.

Honrou e dignificou a nobre e difficil missão do magisterio, para a qual não lhe faltava nenhum dos requisitos dos verdadeiros mestres».

Não foi tão sómente como professor que Antonio Olyntho se distinguia.

Para tirar a esta minha affirmativa qualquer eiva de suspeição, — traslado para aqui o que se encontra nos *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*, n. 21 de 1925, paginas 3—7, subscripto pelo professor Alves de Brito, ácima referido, a respeito da vida publica de Antonio Olyntho, exterior á Escola, a qual, diz elle, «constitue a mais bella fé de officio de um benemerito servidor da Patria»:

«Foi um dos próceres da propaganda republicana em nosso Estado, tendo sido encarregado, no advento da Republica, de receber a administração da Provincia das mãos do ultimo presidente do regimen monarchico, o barão de Ibituruna.

«Fundado o novo regimen, não arrefece o seu ardor de republicano e patriota, concorrendo do modo mais efficiente para sua consolidação, como batalhador incançavel e ardoroso, no Congresso Constituinte, para onde o mandára o povo, e, na imprensa, fundando e dirigindo, em Ouro Preto, o jornal que denominou *O Estudo de Minas*.

«Em successivas legislaturas, representou o povo mineiro, no Congresso Nacional, até 1894.

«Para nós, que vivemos na Escola de Minas, e para aquelles que amam Ouro Preto, seria ingratição não relembrar aqui a attitude nobilissima que, então, não obstante a sua solidariedade com o governo, assumiu Antonio Olyntho na questão da mudança da séde da Escola, mudança que o governo pretendia fazer, sem consultar ao Congresso, nem ouvir a Congregação, por um simples aviso ministerial. Nos «*Annaes do Congresso*», encontram-se os brilhantes discursos com que elle justificou um requerimento de pedido de informações ao governo sobre o assumpto. Com a eloquencia que todos lhe conheciam, fez-se elle, então, o defen-

sor dos interesses da Escola e mostrou o mais acrysolado amor á cidade de Ouro Preto, que, dizia elle, «é o relicario de nossas mais gratas recordações historicas», — e que elle não podia conceber «transformada em um deserto, porque seria uma deshonra para a Republica, si seus poderes publicos contribuissem, de qualquer fórma, para que aquella gloriosa cidade chegasse a esse estado lastimavel».

«Em 1894, foi-lhe confiada a pasta da viação, no governo Prudente de Moraes. Como era de esperar, estava convencido de que o nosso progresso dependia, principalmente, de vias de comunicação, e foi com verdadeiro carinho, com o mais elevado e intelligente criterio, que tratou, especialmente, desse magno problema, sem, ao mesmo tempo, descuidar de outros, para cuja solução empregou esforços, no sentido do possível.

«Em 1904, foi-lhe dada a missão de representar o nosso paiz, na Exposição de S. Luiz, [nos Estados Unidos.

«Em 1907, superintendia os serviços das Obras Contra as Seccas.

«Por ocasião da Exposição Nacional de 1908, foi, ainda, ás suas qualidades inconfundíveis de organizador, que o governo confiou a incumbencia de presidir á Commissão Directora do certamen.

«Em 1909, exercia o cargo de Director Geral dos Telegraphos.

«Em 1910, representou o Brasil no Congresso Ferro-Viario Sul-Americano, realizado em Buenos -Ayres.

«Em 1921, é encarregado de dirigir a grande Exposição Internacional commemorativa do Centenario de nossa Independencia.

«Representou, ainda, o Brasil, como embaixador especial, na pösse do presidente Serrato, em 1923, na Republica do Uruguay.

«Grande foi a sua contribuição em Memórias, artigos e noticias scientificas. Foi auctor da primeira *Memoria historica sobre a Escola de Minas*, e publicou, entre outros, os seguintes trabalhos: *Mineração e riquezas mineraes; Relatório sobre irrigação e poços artesanos nos Estados Unidos e na Algeria; Noticia dos estudos e obras contra os effeitos das Seccas; Speléologia brasileira* e diversos relatórios e monographias lidos no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que era socio benemerito, além de um sem numero de artigos e notas esparços em publicações e jornaes estrangeiros e nacionaes».

Como as aves daquela floresta encantada, do celebre poeta polaco, as quaes, si por acaso longe se achavam, quando sentiam que a morte se approximava, voavam e iam morrer á sombra das arvores que haviam abrigado o ninho onde haviam nascido, — assim Antonio Olyntho, sen-

tindo que estava perto o termo de sua afanosa existencia, deixou os esplendores do Rio de Janeiro, onde, havia annos, residia, e veiu para a sua amada e saudosa Minas, chegando a Bello Horizonte a 10 de janeiro de 1925, com a garra da morte cravada no organismo depauperado e exausto, podendo-se-lhe applicar, então, o verso, tão repassado de desalento, do poeta dos *Ipês*:

«Volto, exanime e triste, á bella enseada,
A' abra feliz de onde parti criança,
E trago a minha nau desarvorada,
Sem a flâmmula verde da esperanza.

Um mez e meio depois, a 25 de fevereiro seguinte, com uma serenidade stoica, adormeceu para sempre, sentindo cantar-lhe aos ouvidos, que, em breve, se fechariam, de vez, aos sons e aos ruidos da vida, a doce musica que lhe embalára, em Ouro Preto, a mocidade longinqua, e que, no sub-delirio, lhe voltava, com insistencia, do sub-consciente, á retentiva enfraquecida e quasi apagada...

Meu pobre irmão! Meu incomparavel amigo! Como a vida me parece, agora, vasia e escura, sem a tua companhia e sem o clarão de tua animadora presença!

Guardadas as proporções, poderei repetir as palavras de Francesco, um dos personagens do livro de Dmitry de Merejkowsky, — *A Resurreição dos Deuses*, — quando, noticiando aos irmãos de Leonardo da Vinci a morte desse, em Florença, escreveu o seguinte:

«Não sei como exprimir-lhes a dor que me causou a morte daquelle que era, para mim, mais do que um irmão. Por mais que viva, hei de chorar por elle, porque tinha, por mim, um amor terno e profundo. Aliás, todo o mundo, penso, ha de lamentar a perda de um homem como elle, e que a natureza não saberá mais crear».

Junho—1928.